

## **Análise semiótica da fotografia do sujeito caipira<sup>1</sup>**

Mayra Barbosa de SOUZA<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, MS

### **RESUMO**

Este trabalho versa sobre a Semiótica de Charles Sanders Peirce e, a partir dela, faz uma leitura da fotografia do sujeito caipira. Trata-se, aqui, a fotografia como signo e tenta-se compreendê-la percorrendo as etapas traçadas pela tríade Peirceana. Objetiva-se, com esse exemplo, mostrar o quanto o ponto de vista semiótico enriquece o processo de absorção dos mais diversos conteúdos, em suas distintas formas.

**PALAVRAS-CHAVE:** semiótica; Peirce; caipira; fotografia.

### **INTRODUÇÃO**

A fotografia é mais do que o resultado de um processo químico. Seu significado vai além do papel e da cor, atravessa a ideia de imagem e transparece uma mensagem sem o uso da palavra. Essa mensagem é produzida no processo da linguagem. A Semiótica é a ciência que objetiva a investigação de todas as linguagens possíveis, examina os modos de composição de todo e qualquer fenômeno como elemento de produção de significado e sentido. Fundamentado nisso, o presente artigo discorre a respeito de pontos indispensáveis para a compreensão da leitura da fotografia nele inserido. Na primeira parte será apresentado no que consiste a Semiótica Peirceana e quem é o pensador que a ela deu seu nome. Na segunda, as três categorias da Semiótica de Peirce e a relação delas com a fotografia são explanadas. Na terceira, a fotografia é vista e analisada enquanto signo. Na quarta, é esclarecido se a fotografia é ícone ou índice. Na quinta e última, a fotografia do sujeito caipira é lida mediante as teorias expostas anteriormente.

### **Conceito de Semiótica Peirceana**

A comunicação é feita por meio da linguagem. A Semiótica é considerada a ciência geral de todas as linguagens. A linguagem consiste em todas as formas de expressar mensagens, não só a palavra, mas também o cinema, roupa, música, artes visuais e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup> Aluna especial do mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Uems); especialista em Produção e Análise de Textos sob Perspectivas Linguísticas e Literárias pelo Centro Universitário de Votuporanga (Unifev) e graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Fundação Educacional de Fernandópolis (FEF), e-mail: mayrabarbosasouza@gmail.com

fotografia, por exemplo. Através desses elementos a comunicação acontece e os interlocutores se orientam. “Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem.” (SANTAELLA, 1983, p. 10). Considerada uma das mais novas ciências, a Semiótica compreende o estudo de toda e qualquer linguagem. Exatamente por esse aspecto está inteiramente ligada à fotografia, pois a imagem é linguagem não-verbal.

A linguagem não-verbal é avaliada como secundária porque o meio sociocultural levou o homem a crer que “[...] as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita”. (SANTAELLA, 1983, p. 11). A evolução da comunicação implica na mudança do conceito do que seja parte da linguagem. Antes não era concebida a ideia de que a culinária ou moda pudessem estar no grupo pertinente à linguagem. O campo que a Semiótica abrange é amplo e definido. Nesse campo estão todos e quaisquer fenômenos – uma equação matemática ou física, uma ideia filosófica ou uma imagem –, e a Semiótica pretende averiguar a linguagem de cada fenômeno, sua função enquanto signo.

Uma das particularidades da Semiótica é sua origem, pois foi pensada por três fontes criadoras distintas, quase simultaneamente, “[...] uma nos EUA, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental.” (SANTAELLA, 1983, p. 15). Esse fato comprova que a preocupação com os estudos do desenvolvimento comunicacional fizeram, gradualmente, surgir a teoria semiótica. A não mais importante, mas certamente a mais aplicada é a teoria do cientista-lógico-filósofo Charles Sanders Peirce (1839-1914). Quando ainda criança, vivia em um meio cercado de assuntos intelectuais. Desde os seis anos de idade já era químico. Após sete anos, escreveu a História da Química e mais tarde se bacharelou, em Química, na Universidade de Harvad. Não se prendia exclusivamente à química, pesquisava nas áreas de exatas e humanas: matemática, física, astronomia, biologia, geologia.

A Lógica estava nas entrelinhas de cada estudo, ele a idolatrava. Especialmente a Lógica das ciências. O conhecimento variante constituía um saber vantajoso. Peirce sabia disso e para isso dedicava-se. Peirce trabalhou incessantemente para que a Lógica fosse reconhecida como ciência, viveu sem ser vangloriado. Aquela época não comportava as teorias avançadas do cientista. Chegou a pensar que o motivo pelo qual não obtinha sucesso era a dedicação a várias ciências. Se tivesse optado por uma, talvez alavancasse o prestígio. Foi tardiamente considerado filósofo. Após sua morte, recebeu esse título. Aproximou a

filosofia da ciência. Introduziu-a em ambas as hipóteses e experimentos. Para ele era impossível chegar à filosofia sem lidar com a Lógica.

A Lógica e ciência ocupavam espaços iguais nos objetos de seu estudo. O que a Semiótica tem a ver com a Lógica? Segundo Santaella (1983), quando Peirce se interessou pela Lógica, a compreendeu como advinda de uma teoria geral dos signos ou Semiótica. Em primeiro instante, ele arquitetou a Lógica pura, como parte da Semiótica. Depois alterou o ponto de vista, “[...] ele adotou uma concepção muito mais ampla da Lógica que era quase coextensiva a uma teoria geral de todos os tipos possíveis de signo.” (SANTAELLA, 1983, p. 20). Peirce adotara a Semiótica como base de análise para qualquer assunto, fortificando há tempos o que hoje é imprescindível na compreensão do significado da imagem.

Em seu livro, Santaella (1983) discorre sobre o mote da leitura semiótica, para se ler o mundo como linguagem, partindo dos pressupostos de Peirce. O filósofo considerava quaisquer produções, realizações e expressões humanas como questões semióticas. Não significando que a Semiótica seja dotada de onipotência, muito menos suficiente. Dessa forma, é necessário estar atento aos três tipos de ciência. A primeira, ciência da descoberta; a segunda, ciências da digestão; a terceira, ciências aplicadas. A última é dividida em duas partes, as físicas e psíquicas. Para Peirce, o termo psíquico tem significação vasta e equivale às ciências humanas. Essas duas partes se desmembram, resultando em um grande número de ciências.

Para Peirce, as leis da natureza não são absolutas, mas prioritariamente evolutivas, portanto, os princípios científicos não estagnam, seguem o percurso evolutivo das ciências. Até mesmo na Matemática, os princípios não são integrais. As questões e teses matemáticas estão sujeitas à falha, logo Peirce batizou sua teoria de Falibilismo. Sua concepção de ciência e Filosofia são processos mutantes, em busca do amadurecimento, furtos da mente “[...] coletiva que obedecem a leis de desenvolvimento interno, ao mesmo tempo que respondem a eventos externos (novas ideias, experiências, novas observações) [...]” (SANTAELLA, 1983, p. 26).

Peirce criou seu edifício filosófico, com divisões e subdivisões. Em primeira instância está a Fenomenologia, conceito presente em suas investigações datadas de 1867. Para ele, a fenomenológica é a primeira instância de um trabalho filosófico. A estruturação de suas próprias categorias surgiu da insatisfação que Peirce tinha com as aristotélicas, que eram mais linguísticas do que lógicas. A Lógica e outros aspectos importavam crucialmente

para Peirce. A doutrina das categorias de Peirce foi concebida por meio do estudo das categorias Kantianas e não das Hegelianas, como muitos achavam. A Fenomenologia é a base para qualquer ciência porque observa os fenômenos e com análise deles postula formatos universais desses fenômenos.

É, porém, sob a base da Fenomenologia que as ciências normativas se desenvolvem obedecendo à sequência seguinte: Estética, Ética e Semiótica ou Lógica. Tendo todas elas por função ‘distinguir o que deve e o que não deve ser, a Estética se define como ciência daquilo que é objetivamente admirável sem qualquer razão ulterior. É a base para a Ética ou ciência da ação e da conduta que da Estética recebe seus primeiros princípios. Sob ambas, e delas extraindo seus princípios, estrutura-se em três ramos a ciência Semiótica, teoria dos signos e do pensamento deliberado. Por fim, como última ciência desse edifício aparece a Metafísica ou ciência da realidade. (SANTAELLA, 1983, p. 29).

A Semiótica funciona para classificar e descrever todos os tipos de signo, dentro da lógica possível. Por meio também da Fenomenologia é presumível ler o mundo como linguagem e, conseqüentemente, interpretar a fotografia como forma de comunicação e linguagem.

### **A tríade e a fotografia**

A filosofia Peirceana entende e classifica a realidade fenomenologicamente segundo três categorias, que quando agrupadas, formam a tríade. É o processo pelo qual é explicado como os fenômenos aparecem à consciência. Para compreender o ato fotográfico e a fotografia em si é indispensável absorver o conteúdo da tríade Peirceana. Cada categoria é um modo operante do pensamento-signo que se aciona na mente. Camadas interpenetráveis e, frequentemente, simultâneas, apesar de qualitativamente diferentes. É interessante analisar a fotografia seguindo os preceitos da tríade, pois, por meio dela, o homem interage com o signo, e a fotografia é um signo.

A primeiridade é a categoria do desprevenido, da impressão primeira, do imediatismo, da percepção espontânea. É o presente, não permitindo que nele se mergulhe, mergulhando já é o segundo. É novo, fresco, aparenta o recente, mas recente, já é velho. É mais que isso, o agora, sem pensar no agora. Pensar no agora já é o depois. “Ele é iniciante, original, espontâneo, e livre, porque senão seria um segundo em relação a uma causa.” (SANTAELLA, 1983, p. 45). Está antes de toda síntese e qualquer diferenciação. Não há tempo e espaço para resumir ou diferenciar. Não contém partes. É inteiro. Não pode ser

pensado, para ele não cabe a afirmação. Se afirmado, perde sua característica de pureza. Pare, pense nele e ele já se foi. Instante livre de análises, de julgamentos. É fácil entender. O que é o mundo para a criança em tenra idade? É o novo, primeiro, fresco, iniciante, original, livre, impensado, esvaescente, inédito.

Vê-se a cor vermelha, sem pensar no carro, parede ou roupa que possuem a cor vermelha, é a primeiridade. É o primeiro aparecimento, o instante do surgir. Ouve-se um som, sem julgar que seja samba, sertanejo ou axé. Sente-se o cheiro, sem considerar que seja de um perfume, da comida saindo do forno ou da fumaça que sai do escapamento de um carro. Essa condição que beira o quase, o que ainda pode ser e vai conseqüentemente para o que já é, no seu movimento de ir sendo, já foi. Introduce-se para o segundo.

A secundidade é a categoria da relação direta, do encontro de um fenômeno de primeiridade com outro, é reação, compreensão e profundidade do conteúdo. O mundo que o humano habita é real, caracterizado pela secundidade. A vida com seus acontecimentos tornam essa categoria intimamente relevante. É parte do cenário cotidiano, daquilo que vem de fora. “Existir é estar numa relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaço particulares, confrontar-se com outros corpos [...]” (SANTAELLA, 1983, p. 47).

Quando há um fenômeno, existe uma qualidade, sua primeiridade. Essa qualidade é uma fração do todo, o todo é o fenômeno, que para existir tem de estar encarnada em uma matéria. A materialização é a secundidade. “[...] meras qualidades não resistem, a matéria que resiste.” (SANTAELLA, 1983, p. 47). Secundidade é a relação entre dois, relação de dependência. É a descrição não feita na primeiridade. É o entender do que foi captado, a análise do objeto após a primeiridade. É a reação da consciência à experiência. Primeiridade: vê-se a flor; secundidade: assinala que é uma rosa ou margarida. Quando dois termos mantêm uma relação, e nessa relação há o sentimento.

O homem é bombardeado por sensações, sejam interiores ou exteriores. Ele, ao ser atingido, sempre reage. A secundidade é o conflito entre consciência e o fenômeno. É unir a sensação da primeiridade com o produto analítico da consciência. Um sabor (primeiridade), sabor de café (secundidade). “Estar acordado já é uma consciência de reação, que não se confunde com cognição, pois sua apreensão se dá através da percepção direta, anterior ao pensamento.” (SANTAELLA, 1983, p. 48). Na secundidade o conflito é puro, não é regido por razão ou lei. Dá à experiência a nomeação de factual, de confronto. Voltando ao exemplo de estar acordado.

Mero estado de alerta, consciência do eu que só nos é dada através da consciência do outro, daquilo que não é eu. Consciência dupla, bipolar. Tornamo-nos cômicos de nós mesmos ao tornarmos conscientes do não-eu. Binariedade pura. Oposição ao confronto que aparece até mesmo no senso de externalidade, da presença de um não-ego, de algo fora de nós que acompanha qualquer percepção que temos das coisas que nos ajuda a distingui-la de um sonho, devaneio ou uma alucinação. (SANTAELLA, 1983, p. 48).

Há exceções no que diz respeito ao estado duplo de uma mesma consciência. Ele torna-se dominante quando impele para o choque, surpresa ou inesperado. O homem espera algo, aguarda o acontecimento, tem a imagem dele na mente, mas quando o fato surge abruptamente, a ideia antes formulada some e conduz a pensar diferente. Disso, surge a experiência.

Daí que seja para estados de luta, fricção entre duas coisas, que Peirce tenha encontrado uma aplicação otimizada para o termo experiência. Experimentamos vicissitudes, especialmente. É a compulsão, a absoluta coação sobre nós de alguma coisa que interrompe o fluxo de nossa quietude, obrigando-nos a pensar de modo diferente daquilo que estivemos pensando, que constitui a experiência. (SANTAELLA, 1983, p. 49).

A terceiridade é a categoria da mediação, interconexão de dois fenômenos em direção a uma síntese. Aglomera um primeiro e um segundo em um resumo intelectual. É a camada de inteligibilidade, por meio da qual mundo é representado e interpretado. Um exemplo claro é o azul. O azul, a cor, é um primeiro. O céu, como espaço e tempo, aqui e agora, onde se aloja o azul, é um segundo. “A síntese intelectual, elaboração cognitiva – o azul no céu, ou o azul do céu –, é um terceiro.” (SANTAELLA, 1983, p. 51). As ideias de terceiridade são várias, mas uma de destaque, exatamente pela simplicidade, é a de um signo ou representação. E essa diz respeito ao modo, mais acentuado, com que os humanos, vistos como seres simbólicos, estão colocados no mundo. A compreensão de qualquer coisa faz com que a consciência gere um signo.

Nesta medida, o simples ato de olhar já está carregado de interpretação, visto que é sempre o resultado de uma elaboração cognitiva, fruto de uma mediação sógnica que possibilita nossa orientação no espaço por um reconhecimento e um assentimento diante das coisas que só o signo permite. (SANTAELLA, 1983, p. 51).

Logo, se todo o contato com o mundo acontece por mediação sógnica, tendo como conceito de que a fotografia é um signo, a Semiótica é um dos métodos indispensáveis para

fazer e melhor interpretar as imagens fotográficas. “Daí que, para nós, o signo seja um primeiro, o objeto um segundo e o interpretante um terceiro.” (SANTAELLA, 1983, p. 52). A base para a Semiótica é a tríade. Na terceira e última categoria, a terceiridade, que é descoberto o conceito de signo genuíno, puro, ou triádico – analisando sob as instâncias da tríade de Peirce –.

### **Fotografia como signo**

Signo é algo, que de algum modo ou sob certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. O mundo é inebriado por signos. A fotografia é um signo. É não é por acaso. Quando feita, a fotografia já nasce no intuito de significar seu objeto. Tendo em mente essa ideia, fica claro que é passível de perda produzi-la, vê-la e interpretá-la sem aderir à Semiótica, ciência que estuda os signos. “Em termos tipológicos, isso significa que a fotografia aparenta-se com a categoria de signos, em que encontramos igualmente a fumaça (indício de fogo), a sombra (indício de uma presença) [...]” (DUBOIS, 2004, p. 50).

A concepção do que seja fotografia, partindo do pressuposto semiótico, abrange campos de significação importantes. Conceber avaliações do mundo por meio da leitura de signos implica num maior absorvimento da coerência. Certas diferenças não são detectadas por um olhar perceptível desprovido da Semiótica. Peirce atribui ao signo várias definições, porém, a mais comentada no campo da Semiótica é a de que:

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada de Interpretante. (SANTAELLA, 1983, p. 58).

Em linhas mais claras, o signo é puramente representação. Uma coisa que representa uma outra coisa, no caso, seu objeto. Só é denominado de signo se tiver a incumbência de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Lembrando que o signo não é o objeto. Ocupa apenas o lugar do objeto. “Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade.” (SANTAELLA, 1983, p.58). Um exemplo para ilustração: a fotografia de um carro, o cartaz de um carro, o desenho de um carro, o filme de um carro, a música de um carro, são todos signos do objeto carro, o representam. Não são verdadeiramente o próprio carro, nem contempla a ideia geral que todos tem de um carro.

Diferem apenas no modo do que são, a nato suporte de uma fotografia não é a mesma de um filme.

O signo somente representa algo para um intérprete. Por representar algo, produz na mente do intérprete algum outro algo: um signo ou quase-signo, que também tem relação indireta com o algo, mas pela mediação do signo.

Cumprer a definição a noção de interpretante. Não se refere ao intérprete do signo, mas a um processo relacional que se cria na mente do intérprete. A partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto, produz-se na mente interpretadora um outro signo que traduz o significado do primeiro (é o interpretante do primeiro). Portanto, o significado de um signo é outro signo – seja este uma imagem mental ou palpável, uma ação ou mera reação gestual, uma palavra ou um mero sentimento de alegria, raiva... uma ideia, ou seja lá o que for – porque esse seja lá o que for, que é criado na mente pelo signo, é um outro signo (tradução do primeiro). (SANTAELLA, 1983, p. 58-59).

Para entender absolutamente o signo é preciso saber do que se constitui. O signo possui dois objetos e três interpretantes: objeto imediato, objeto dinâmico; interpretante imediato, interpretante em si, interpretante dinâmico. O objeto imediato diz respeito à forma como o objeto dinâmico (o que o signo substitui) está representado no signo. Se, por exemplo, é um desenho figurativo, o objeto imediato é ao aspecto do desenho, na forma como ele tem a intenção de representar semelhantemente o aspecto do objeto, uma fotografia, por exemplo. Se for uma palavra, o objeto imediato é o aspecto gráfico, sonoro ou acústico da palavra, baseado em nas leis impostas ou concordadas na sociedade, que faz com que essa palavra, “[...] que não tem nenhuma semelhança real ou imaginária com o objeto, possa, no entanto, representá-lo”. (SANTAELLA, 1983, p.60).

O interpretante imediato é aquilo que o signo está hábil a produzir em qualquer mente interpretadora. Vale assinalar que não se trata do que o signo produz efetivamente na mente de um ou de outro, mas do que ele pode produzir em consequência da sua natureza. Signos podem ser interpretáveis na forma de sentimento, forma concreta ou ação, já outros são abstraídos em infinitos pensamentos. O interpretante dinâmico se refere àquilo que o signo efetivamente produz em qualquer mente. Produzirá conforme a natureza de signo e do seu potencial como signo. Por exemplo, existem signos que só produzirão sentimentos de qualidade. Ao ouvir uma música, se não conhecimentos sobre os diferentes códigos de composição musical, a audição da música causará a sensação de qualidade de impressão, isto é, “[...] sensações auditivas, viscerais e possivelmente correspondências visuais.” (SANTAELLA, 1983, p. 60).



Essas sensações podem ser interpretadas como puramente ligadas às emoções, como amargura, alegria, tédio. O signo produz no homem sensações circundadas pelo repertório que o próprio homem tem. Portanto, pessoas distintas fazem leituras diferentes de uma mesma fotografia porque são donas de repertórios diferentes. O interpretante dinâmico se enquadra em um segundo nível. O filho recebe uma ordem da mãe, a ordem produzirá um interpretante dinâmico energético, ou seja, uma ação de obediência, de resposta ao signo.

Se o signo for convencional, ou seja, signo de lei, por exemplo, uma palavra ou uma frase, o interpretante será um pensamento que traduzirá o signo anterior em outro signo da mesma natureza, e assim ad infinitum. Este outro signo de caráter lógico é o que Peirce chama de interpretante em si. Este consiste não apenas no modo como qualquer mente reagiria, das certas condições. Assim, a palavra casa produzirá como interpretante em si outros signos da mesma espécie: habitação, moradia, lar, ‘lar-doce-lar’ etc. (SANTAELLA, 1983, p. 61).

Enfim, é captado o conceito de que o signo é um complexo de relações. Indo mais a fundo, surge a classificação de signos em várias tríades. É imprescindível salientar que a imagem pertence à categoria de hipoícones, pois representa seu objeto por semelhança. Do signo em si mesmo: quali-signo, sin-signo e legi-signo. Do signo com seu objeto: ícone, índice e símbolo. Do signo com seu interpretante: rema, dicente e argumento. A fotografia se encaixa primariamente na categoria do signo com seu objeto, especificamente com o ícone e índice, pertencentes à tríade mais explorada. O ícone é o termo para signos em sua relação de semelhança com o objeto, o índice é a relação de proximidade com o objeto pautada na herança cultural e o símbolo é a relação convencional entre o signo e sua significação.

A respeito da fotografia, Peirce esclarece: ‘O fato de sabermos que a fotografia é o efeito de radiações partidas do objeto, torna-a um índice e altamente informativo’. Embora o processo de captação da imagem televisiva seja diferente da fotografia, o caráter inicial de conexão física, existencial e factual nela se mantém. (SANTAELLA, 1983, p. 70).

O signo possui apenas um significante (forma), mas vários significados (conteúdos). Exatamente por esse fator que a fotografia jornalística é polissêmica (adquiri novos sentidos além do seu original). Uma fotografia que representa, para determinada pessoa, a cultura caipira, pode representar, para outra, um assunto inteiramente diferente ou parecido. Aliar o conhecimento técnico na produção ao saber semiótico na leitura de fotografias possibilita aquisição de novas informações e o desprendimento dos pré-conceitos.

### **Fotografia: ícone ou índice?**

Uma dúvida ronda os estudos semióticos e fotográficos. A fotografia é ícone ou índice? Para tal questionamento, é primariamente preciso lembrar de onde ambos são e, principalmente, aprofundar na essência de cada um. A vida é abarrotada de signos. Os ambientes, sejam os de trabalho ou lazer, são preenchidos por signos que significam seus usos como a cadeira do escritório, da varanda, do hospital. É o mesmo signo, mas com significados distintos para cada espaço. “O signo é uma fatia (bifacial) de sonoridade, visualidade etc.” (BARTHES, 1996, p. 551). Os objetos são tantos que passam a ser uma extensão do ser humano e ele os leem naturalmente. O contato com os objetos e o hábito de interpretá-los é demasiado constante e imperceptível.

Em relação ao objeto, o signo tem um caráter vicário, ele age como uma espécie de procurador do objeto, de modo que a operação do signo é realmente a operação do objeto através e por meio do signo. Assim sendo, pode-se dizer que o signo tem uma função ontologicamente mediadora como vicário do objeto para a mente. Isso significa, conseqüentemente, que o signo, na sua relação com o objeto, é sempre apenas um signo, no sentido de que ele nunca é completamente adequado ao objeto, não se confunde com ele e nem pode prescindir dele. (SANTAELLA, 2000, p. 23).

Como já foi exposto no subcapítulo anterior, o signo, que representa alguma coisa para alguém, é dividido em tricotomias e classes. O ícone e o índice são partes de uma das três tricotomias mais estudadas, a da relação entre o signo e seu objeto. O ícone é um signo que tem alguma paridade com o objeto representado.

Se o signo tem uma propriedade modática (qualidade, primeiridade), então ele é um ícone do objeto. Uma vez que a propriedade monádica é não-relacional, a única relação possível que o ícone pode ter com seu objeto, em virtude de tal propriedade, é aquela de ser idêntico a seu objeto. (SANTAELLA, 2000, p. 109).

Os índices são tipos de signos mais fáceis de serem exemplificados. É um signo que se refere ao objeto significado em razão de ser diretamente afetado por esse objeto. Um terreno alagado é índice de que choveu. Um prato com migalhas de pão é índice de que alguém comeu. São índices: relógios, bússolas, termômetros, o furo de uma bala, uma mão acenando e:

[...] fotografias, o andar gingado de um homem (índice de marinheiro), uma batida na porta, a sintomatologia das doenças, os olhares e entonações da voz de um falante, as circunstâncias de um enunciado, os pronomes demonstrativos (este, esse, aquele), pronomes possessivos (dele, dela, nosso), pronomes relativos (que, qual, quem), pronomes seletivos (cada, todo, qualquer, algum, certo), os sujeitos das proposições, nomes próprios, as letras (A, B, C) dentro de uma fórmula matemática ou um diagrama geométrico, direções e instruções para um ouvinte ou leitor. (SANTAELLA, 2000, p. 121).

Os índices são indicativos que permeiam o cotidiano. “[...] fumaça é um signo indicial de fogo [...]”. (NETTO, 2007, p. 58). A fotografia é classificada como pertencente à categoria dos índices, pois indicia algo. O significado desse algo muda de acordo com a carga intelectual de cada leitor. A visão das pessoas é moldada a partir de suas bagagens culturais, portanto, aspectos apontados como importantes para uma, para outra podem ser totalmente descartáveis. Uma imagem, índice, não diz nada por si só. A partir da relação com o objeto que representa e com aquele que a contempla, que seu significado é inteiramente constituído.

[...] está na lógica dessas concepções considerar que as fotografias propriamente ditas quase não têm significação nelas mesmas: seu sentido lhes é exterior, é essencialmente determinado por sua relação efetiva com o seu objeto e com sua situação de enunciação [...]. (DUBOIS, 2004, p. 52).

Se o poder do índice advém da relação com seu objeto, seu papel característico é chamar a atenção do intérprete para o objeto representado, exercendo certa influência no receptor. Este é um dos pontos que levam a conclusão de que a fotografia é índice. Ao índice é dada a função de veículo. Outro signo não é capaz de ocupar esse posto com tanta desenvoltura. Veículo por que transporta ao mesmo tempo em que alerta o receptor em direção ao seu objeto. A fotografia de um homem com uma arma na mão chama a atenção do leitor, em um primeiro momento, para a arma e, de certa forma, instiga a curiosidade e imaginação dele. Dependendo do ângulo em que foi captada a imagem desse homem, a fotografia em si nada pode explicar, tornando-se um convite inesgotável à dedução e à reflexão.

A fotografia de um par de sapatos velhos é índice de uma mulher velha como o sapato ou de uma menina que o usou por muito tempo. O índice faz o olhar do receptor se virar para o objeto. A fotografia faz o leitor ter uma experiência com o objeto nela retratado. O índice leva o pensamento para uma experiência especial. Mostra sobre o que

está representando. Incita a apreensão do leitor com o objeto significado. É uma ponte, um caminho para aquilo que pretendiam mostrar ou deixar subentendido. A fotografia instiga, prende a atenção. O índice faz o mesmo. Fotografia é índice.

Pode-se dizer que, desde a invenção da fotografia, vivemos, por quase um século e meio, dentro de uma era da imagem preponderantemente indicial. Essa preponderância só foi rompida com o advento das imagens computadorizadas, sintéticas. Mesmo que estas tenham um certo nível de indexicalidade (na sua ligação direta com as fórmulas algébricas que são seus referentes reais, ou objetos do signo que determinam a aparência das imagens [signo]), essa aparência não é mais genuinamente indicial em relação ao mundo visível. As imagens não duplicam mais esse mundo, mas simulam-no, o que introduz questões semióticas inteiramente novas [...].(SANTAELLA, 2000, p. 124).

O índice tem dois elementos, um deles funciona como substituto para o objeto, o outro forma “[...] um ícone que representa o próprio signo como qualidade do objeto.” (SANTAELLA, 2000, p. 131). Daí a ideia de que uma pegada é a imagem de um pé. “Não é esse ícone, mesmo que, nesse caso, ele seja substancial, que faz esse signo agir como índice, mas o fato de haver uma conexão dinâmica, factual, existencial entre o pé e o traço (imagem) por ele deixado.” (SANTAELLA, 2000, p. 131). Todo índice carrega em si um ícone, o qual não necessita ser precisamente uma imagem do objeto. Um exemplo é a fumaça, que nada parece com a imagem do fogo, mas é o índice dele. “Isso basta para comprovar que o ícone, embutido no índice, não precisa ser uma imagem que esteja numa relação necessariamente similar à imagem do objeto do índice.” (SANTAELLA, 2000, p. 131). Após a concepção dos aspectos do índice é possível finalizar com a ideia primordial de sua designação, a de apontar para a existência de algum objeto. A fotografia congela o objeto que existiu ou existe e, como índice, chama o leitor a se aproximar dele.

### **Leitura da fotografia do sujeito caipira**

Do ponto de vista semiótico, um detalhe, na imagem, é capaz de representar múltiplos aspectos. Depende da carga cultural daquele que a vê e analisa. Sua força de explicação e esclarecimento possibilitam garimpar informações não disponibilizadas em outros meios, como o texto e a fala. Para o termo “caipira”, a sociedade possui uma imagem pré-estabelecida com base no que recebeu de subsídios ao longo de sua experiência. Com tudo o que aprendeu sobre o que é “caipira” constrói um fragmento imagético. Baseia-se em deformidades comportamentais que nem sempre correspondem à realidade. Dentre as muitas definições existentes para o matuto, há uma em particular que, indiscutivelmente, é

consagrada: aquela do sujeito desconfiado, abobado, “[...] violento, preguiçoso, de modos grosseiros, ‘que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público’ (Luís da Câmara Cascudo). Imagem que parece colada ao significante caipira.” (BOSI, 1987, p. 103).

Além de suas características comportamentais e psicológicas, para o caipira é reservada a figura ligada as suas ações: aquele que trabalha especificamente na área rural. O que lida com a plantação e os animais. Decorrente desse aspecto, estrutura-se, na imaginação, cenários e movimentos. A realidade é pensada levando em consideração exclusivamente os seus afazeres. Não se imagina o caipira manuseando um computador, manipulando aparatos tecnológicos, indo ao cinema, assistindo a um teatro, dirigindo por ruas congestionadas; fazendo o que comumente a população da área urbana faria. Essa realidade pode ser entendida e classificada fenomenologicamente segundo as três categorias da filosofia Peirceana. Para tanto, a fotografia abaixo servirá de objeto de análise, possibilitando a leitura do sujeito caipira.



Fotografia por Mayra Barbosa de Souza

Na primeiridade, vê-se a fotografia. Percebe-se que o que foi apresentado aos olhos é uma imagem pelo formato, desenho, contornos e formas. É a pura e simples sensação de perceber a imagem, sem julgamentos e avaliações do que está exposto nela. Vê-se a

fotografia sem raciocinar sobre o sujeito fotografado. É a sensação de ver, notar a imagem. É o primeiro contato com o elemento, sem julgá-lo. O ato de se deparar, de ser exibido à fotografia é a primeiridade. Ela está aí, a imagem, somente a imagem. O contato primeiro, o espontâneo, sem pensá-la, avaliá-la. Há pura e simplesmente a imagem. Nada além da imagem. Não se toma consciência do que retrata, do que ilustra. Não há a intenção de compreendê-la, de buscar o que pretende transmitir. Primeiro, a imagem, a fotografia. Vê-se a imagem, não o sujeito caipira. O pensar no que está nela, esse quase, beira a secundidade.

Na secundidade, eclode o encontro. Constrói-se a relação direta com a fotografia. É a tomada de consciência do que realmente é a fotografia. Nesse instante, há a compreensão, a profundidade, o mergulho no conteúdo. O questionamento e a avaliação são propriedades desse segundo momento. É o voltar-se para a fotografia e o fixar-se no que ela retrata. O observador faz uma comparação da fotografia com base nas experiências e situações por ele vivenciadas. Primeiridade: viu-se a fotografia; secundidade: assinalou-se que é a fotografia de um homem segurando uma enxada. É a descrição em sua forma essencial. O homem, com chapéu, roupas simples, capinando, sol a pino, num cenário livre de construções urbanas, apenas alguns postes elétricos. A secundidade é quando se une a sensação da primeiridade com o produto analítico da consciência: a imagem (primeiridade), o homem carpindo (secundidade).

Na terceiridade, há a interconexão da primeiridade e da secundidade objetivando uma síntese. É o campo da inteligibilidade, utilizado para representar e interpretar o mundo. É quando surge o signo. Apenas na terceiridade descobre-se o signo genuíno. O signo é a representação de algo para alguém. A fotografia é o signo. Representa algo, mas não o é. É a fotografia do homem carpindo e não o homem carpindo. É a coisa representando uma outra coisa. O objeto passa a representar algo. Neste estudo, o objeto (fotografia) representa o sujeito caipira. E por que caipira? Por todos os elementos presentes na fotografia. O cenário, o vestuário, a ação em si remetem ao termo caipira. Está arraigado na sociedade esse estigma de que o caipira é o homem da enxada nas mãos. O signo, neste caso, representa e significa o estereótipo do sujeito caipira, o que o leitor aprendeu culturalmente.

## **CONSIDERAÇÕES**

Fotografias são produzidas em ritmo ininterrupto e de forma incontável diariamente em todo o mundo. São um dos signos mais populares e, por esse motivo, vistos por distintas classes da sociedade. Publicadas em plataformas digitais ou em impressos, transmitem

mensagens reafirmadas ou não por textos e admitidas por leitores. Isso porque eles carregam consigo pretextos lógicos ou motivos de cunho afetivo para concordarem com essas mensagens. Este artigo é mais um texto que exemplifica como a leitura do signo (fotografia), com base nas premissas formuladas por Charles Sanders Peirce, permite desvendar nuances por vezes ignoradas. A fotografia do sujeito caipira, objeto de estudo apresentado anteriormente, aponta para um caminho de descobertas simbólicas e de significado, suscitando o exercício de pensar no que se vê e confrontar os valores convencionais e estereótipos.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Tradução: Izidoro Blikstein. **Elementos de semiologia**. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 1987.

DUBOIS, Philippe. Tradução: Maria Appenzeller. **O ato fotográfico**. 8 ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**. 1 ed. São Paulo: Cengage, 2000.